

Feijoada indigesta

ITAMAR SERPA

Com um pouco de habilidade, pedaços selecionados de suíno e um bom feijão, qualquer pessoa é capaz de preparar uma feijoada digna de elogios. No calendário político, contudo, não basta juntar todos os ingredientes para se produzir um bom candidato à Presidência da República. A provável dobradinha Lula/Brizola, ou Brizola/Lula, deixa no ar um cheiro de azedume antes mesmo de sair do fogo brando das articulações. São notáveis as incompatibilidades entre ambos, isso para não mencionar o rancor e o ressentimento gerados durante anos de disputa pela mesma seara eleitoral. Na possibilidade remota de lograrem êxito, presidente e vice jamais dariam as costas um para o outro, pois sabem que a punhalada é apenas uma questão de oportunidade. Daí para a crise institucional é um pulo.

Somente a miopia política dos opositores do Governo para explicar a crença pueril de que basta oferecer um nome de expressão nacional, apoiado em ampla aliança partidária, para impedir a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. Além da dobradinha Lula/Brizola; Brizola/Lula, outros postulantes ganham espaço na mídia oferecendo à sociedade nada além de seus nomes. Enquanto isso, o eleitor espera pacientemente por um plano de Governo melhor que o atual. Ninguém se dispôs a mostrar qual o caminho que seguirá para consolidar a economia, promovendo crescimento e estabilidade ao mesmo tempo, utilizando para isso um remédio menos amargo. Estamos todos ansiosos para conhecer a fórmula mágica que fará com que o número de oferta de emprego aumente em 1,9 milhão ao ano, sem que sejam promovidas as reformas que eles tanto condenam.

Todos os esforços da oposição estão concentrados na busca de um nome carismático o suficiente para impedir a re-

eleição de FH. Adversários de ontem são acolhidos e festejados como se fossem velhos parceiros, numa demagogia de provocar náuseas. Coligação independente de cunho ideológico é característica de partido de direita, mas parece que a esquerda mandou às favas a ética para jogar no mesmo campo do adversário. Pode-se, em parte, atribuir este comportamento ao movimento neoliberal que se

espalhou pelo mundo, e que pôs fim ao enfadonho e inócuo debate sobre as vantagens do socialismo ou do capitalismo. Sem um único modelo no planeta que corrobore com a tese de que existe outra alternativa ao processo de globalização, agarram-se às recentes vitórias obtidas na França e na Inglaterra, mesmo sabendo que Lionel Jospin e Tony Blair estão seguindo a mesma cartilha que prega o

enxugamento do Estado e a abertura do mercado. Como está fazendo o presidente Fernando Henrique Cardoso.

A alegada necessidade de encontrar um nome que aglutine toda a esquerda, para só então elaborar um programa que se apresente como alternativa de governo, é um atentado contra a inteligência. No dia em que for divulgado um plano de metas realístico, apontando caminhos

para o crescimento econômico e social do país, sem submeter a sociedade a sacrifícios, serão grandes as chances de a oposição eleger até um poste. Por enquanto, os menos inconsequentes limitam-se a garantir que darão continuidade ao Plano Real, uma forma subliminar de dizer aos eleitores que o melhor mesmo é deixar o presidente Fernando Henrique Cardoso continuar seu mandato por mais quatro anos.

A economia brasileira não vive em céu de brigadeiro, mas não existem indícios de que as nuvens negras que estão se formando nos países asiáticos chegarão por aqui. O I Censo da Reforma Agrária, realizado por estudantes de 29 universidades, catalogou 199.218 famílias beneficiadas pela reforma agrária em projetos do Governo federal. O levantamento constatou que ainda faltam muitas ações para a melhoria da qualidade de vida do trabalhador do campo, mas são inegáveis os esforços empreendidos, a despeito da intolerância de algumas lideranças que manipulam a ignorância coletiva. No último ano do seu governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso promete garantir o ensino de 2,7 milhões de crianças que estão fora da escola, o melhor indício de que o Brasil de fato estará entre as grandes potências nos próximos 20 anos. E o que pode oferecer a oposição, além de demagogia e retrocesso?

Fernando Henrique e Lula estiveram juntos em portas de fábrica lutando pela mesma causa. Com Ciro Gomes, dividiu o êxito do Plano Real. Como Leonel Brizola, também amargou o exílio. Ao lado de Itamar Franco, contribuiu para o sucesso de um governo inesperado. Não fosse a mosca verde chamada poder, estes homens poderiam estar unidos em torno de um projeto comum. Quem sabe, se à volta de um fogão, preparando um banquete para toda a população brasileira.

ITAMAR SERPA é deputado federal pelo PSDB-RJ.

